

# O ARTISTA E AS INTERPRETAÇÕES DA MODERNIDADE: Leituras de Charles Baudelaire

*THE ARTIST AND INTERPRETATIONS OF MODERNITY: READINGS OF CHARLES BAUDELAIRE*

Jórisa Danilla Nascimento Aguiar<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
<https://orcid.org/0000-0003-4996-0275>

## RESUMO

Propomos uma leitura crítica sobre a modernidade a partir da ótica benjaminiana, esclarecendo que a sua escolha por Charles Baudelaire foi motivada pelo fato de ser um dos artistas porta-vozes de interpretações sobre esta época, na qual artistas teorizavam poeticamente sobre o objeto de arte, suas condições de produção, suas técnicas e a busca do novo em meio à imprevisibilidade ressaltada com a modernidade. Como Baudelaire relaciona temas como o desenvolvimento do capitalismo e a subalternização das pessoas e o esfacelamento do mundo moderno pela via da arte, a partir de uma consciência melancólica que cruamente desnuda as relações sociais, destacando o tom de racionalidade trazido pelos autores e as visões do cotidiano marcado pela contraditoriedade da vida moderna encaradas de forma melancólica. Pois, a importância de Baudelaire para inaugurar a modernidade lírica crítica a um estilo de vida que aparta as pessoas umas das outras, do mundo, promovendo a fragmentação e a dispersão como premissas primeiras.

**Palavras-chave:** melancolia; artista; consciência; capitalismo.

## ABSTRACT

We propose a critical reading on modernity from Benjamin's point of view, elucidating his choice by Charles Baudelaire as one of the artist's voices of interpretations about this time, where artists poetically theorize about the object of art, its production conditions, its techniques and the search for the new in the midst of the unpredictability highlighted by modernity. We will discuss how Baudelaire relates themes such as the development of capitalism and the subalternization

---

<sup>1</sup> Jórisa Danilla Nascimento Aguiar é professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), doutora em Ciências Sociais, mestra em Ciências Sociais, especialista em Economia Política Regional e graduada em Administração, bem como licenciada em Sociologia e Pedagogia. CV: <http://lattes.cnpq.br/9220956362393869>

of people and the shattering of the modern world by the art route, from a melancholic consciousness that cruelly strips social relations, highlighting the tone of rationality brought by the authors and visions of the daily life marked by the contradiction of modern life faced in a melancholy way. We will therefore emphasize the importance of Baudelaire to inaugurate lyrical modernity critical of a lifestyle that separates people from each other, from the world, promoting fragmentation and dispersion as the first premises.

**Keywords:** melancholy; artist; consciousness; capitalism.

## OS CEGOS

*Contemplai-os minha alma; eis que são pavorosos!  
São como manequins, vagamente risíveis;  
E sonâmbulos são, singulares, terríveis;  
E quem sabe aonde vão seus globos tenebrosos?  
Seus olhos, donde a chama eterna é partida,  
Como se olhassem longe estão no firmamento;  
E não se vê jamais, por sobre o pavimento,  
Inclinar vagamente a fronte sucumbida.  
Atravessam assim a infinda escuridade,  
Esta irmã do silencio imutável, cidade!  
Enquanto em torno a nós é um lamento o teu canto  
Que é tão atroz que chega a perder-se no orgasmo,  
Vê que eu erro também e mais do que eles pasmo,  
Digo: "O que pelos céus eles procuram tanto?"  
(Quadros Parisienses, As Flores do Mal*

- Charles Baudelaire)

## INTRODUÇÃO

Partimos da afirmação de que determinadas obras ou artistas transcendem o ideário de uma época, mesmo quando parecem discorrer sobre uma situação histórica ou realidade precisa. No presente texto, a partir de leituras de George Simmel e Walter Benjamin, debatemos teorias da modernidade sob a ótica de intelectuais e artistas ligados à essa vertente, muitas vezes pela forma da estética. Simmel nos apresentou uma multiplicidade de subjetividades para a constituição do sujeito, não restritos a formas muito rígidas, nos proporcionando argumentos para uma redefinição da sociedade sob a mediação dos indivíduos uns com os outros, uma perspectiva

durkheiminiana, porém, mais sutil. Assim, se distancia da realidade para se encontrar com ela. Benjamin, que aponta temas da modernidade sob a perspectiva da renovação – à luz de distintas interpretações possíveis – muitas vezes evidencia o conflito, o indivíduo que cresce em meio àquela nova realidade, a nova constituição de mundo, das cidades, da modernidade. A própria emancipação burguesa e a inspiração marxista marcam algumas de suas interpretações. Com relação às leituras de Charles Baudelaire, as quais estudaremos com mais afinco neste trabalho, Benjamin via no romance um meio caminho entre a narrativa epopeica e a informação burguesa, uma abertura para correntes de interpretação que a imprensa não abria. Todos os romances têm essa característica de abertura, uma possibilidade de interpretações que não rompe, contudo, com as narrativas tradicionais. Proporciona uma significação constitutiva para a nossa própria vida, ao mesmo tempo que apresenta experiências. No caso dos poemas de Baudelaire, apreendia-se a própria experiência, destacando que havia em seus romances uma relação melancólica com a reminiscência.

Benjamin apresenta menos pudores para lidar com a discussão da melancolia, por isso escolhe Baudelaire como autor central de suas investigações sobre o tema. Para o primeiro autor alemão, há uma sintonia entre o público receptor e a obra de Baudelaire. A melancolia tratada por Baudelaire não é dada na forma clássica, de preguiça ou depressão; é sim a melancolia característica do século XIX, a dispersão, uma vida de tensão onde não se consegue vincular a algum ponto.<sup>2</sup> Apostar nos leitores do autor francês seria uma tarefa arriscada, teriam que ser seduzidos pela sua obra, ainda mais pela escolha da lírica, que estava em desuso à época. Porém, acaba se tornando um sucesso, principalmente depois de sua prematura morte, em decorrência do seu estilo de vida boêmio.

O público de Baudelaire assumiria, pois, uma postura crítica à modernidade e suas dualidades, ao direito à informação. A modernidade do autor apresenta em si o seu contrário: a resistência à modernidade. Assim, assimila a fragmentação característica e a expõe. Inaugura a participação do artista na vida moral e política da sociedade. Por essa razão, para Walter Benjamin, a obra de Baudelaire não envelhece, se trata de uma poesia que causa a mesma sensação de intensidade tanto quando foi escrita quanto depois.

Utilizando-nos fundamentalmente da obra *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (BENJAMIN, 1989), faremos uma leitura benjaminiana da modernidade e da missão da arte para com esta época, na qual artistas teorizam poeticamente sobre o objeto de arte, suas condições de produção, suas técnicas e a busca do novo em meio à imprevisibilidade ressaltada com a modernidade. Contudo, outras obras também vão contribuir com a nossa argumentação.

Apresentado o eixo temático, dividiremos o trabalho em três momentos. Na primeira parte, abordaremos as contribuições de Walter Benjamin e os desdobramentos de seus escritos sobre a modernidade, elucidando a sua escolha por Baudelaire como um dos artistas porta-vozes de

<sup>2</sup> Essa mesma ideia é trazida por Simmel (2005), no texto: *As grandes cidades e a vida do espírito* (vide referências). Benjamin contrapõe-se à Simmel porque ao invés de escolher o indivíduo heroico, traçando uma realidade com os seus próprios parâmetros, utiliza a busca por experiências. Benjamin nos oferece essa busca de experiências através da discussão pela via da memória, tratada no decorrer do trabalho.

interpretações sobre esta época. O poeta, o crítico da modernidade, a testemunha da modernização social e suas definições sobre a multidão das cidades, a ideia de memória bergsoniana, o choque perante as mudanças e o vínculo da arte com a realidade farão parte desta discussão embasada no poeta francês, a partir da leitura de Benjamin.

A segunda parte está destinada ao estudo de outras obras de Baudelaire, a saber: *Sobre a Modernidade. O pintor da vida moderna* (BAUDELAIRE, 1996) e *Les fleurs du mal* (BAUDELAIRE, 1857), seu livro mais conhecido. Suas obras, marcadas por um apuro formal típico da poesia francesa clássica, descrevem cenas das vidas cotidianas de personagens marginalizados nas cidades. Assim, discutiremos como ele relaciona temas como o desenvolvimento do capitalismo e a subalternização das pessoas, o esfacelamento do mundo moderno pela via da arte, que desde uma consciência melancólica cruamente desnuda as relações sociais na modernidade. Traremos ao debate outros artistas e intelectuais que contribuem com o autor francês em sua temática de representação da realidade e sua contraditoriedade. Victor Hugo, Edgar Allan Poe, Marcel Proust, Eugène Delacroix, Constantin Guys e Paul Valéry endossam este debate.

No terceiro e último momento, nas conclusões, pretendemos retomar as ideias apontadas anteriormente, destacando o tom de racionalidade trazido pelos autores e as visões do cotidiano marcado pela contraditoriedade da vida moderna encaradas de forma melancólica. Destacaremos, pois, a importância de Baudelaire para inaugurar a modernidade lírica crítica a um estilo de vida que aparta as pessoas umas das outras, do mundo, promovendo a fragmentação e a dispersão como premissas primeiras.

## WALTER BENJAMIN: A ESCOLHA POR BAUDELAIRE

No decurso de sua aproximação com o marxismo, Walter Benjamin via grande relevância na questão das grandes cidades que se modificavam a partir do desenvolvimento do comércio, do capitalismo, da marginalização das pessoas. A percepção do sujeito como um crítico da modernidade avizinha o olhar de Baudelaire e de Benjamin para com a sociedade. Em meio a artistas e revolucionários, o autor alemão viu no poeta francês a sensibilidade necessária para tratar criticamente desta época, com sua vivência da modernização social na Paris do século XIX. Baudelaire foi indiscutivelmente um artista revelador, e até hoje segue igualmente importante, quiçá tenha alcançado maior importância. Tinha a necessidade de dar nome às coisas, aos fenômenos, e, assim, foi um dos primeiros a utilizar o termo “modernidade” para dar conta de explicar uma nova maneira de se relacionar com o mundo, desde as cidades, do capitalismo e com as tensões trazidas pela precarização do trabalho na classe proletária. “Pintava” cenas das vidas cotidianas de personagens que residiam, sem escolha, às margens das cidades. Conforme aponta acertadamente o alemão Friedrich (1975, p. 35), a inquietação específica do poeta em estudo é “a possibilidade da poesia na civilização comercializada e dominada pela técnica”. Friedrich ainda pontua, sobre o emprego da palavra modernidade por Baudelaire, em 1989, que:

[...] desculpando-se pela novidade, necessita dela para expressar o particular do artista moderno: a capacidade de ver no deserto da metrópole não só a decadência do homem, mas também de pressentir uma beleza misteriosa não descoberta até então (FRIEDRICH, 1975, p. 35).

Benjamin (1985), no texto “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”, discorre sobre os impactos do avanço da modernidade sobre a sociedade europeia, valendo-se do êxito da poesia lírica de Baudelaire. É uma literatura que tinha uma função própria da massa na cidade grande, onde através da estética se desvendava o destino de uma época, em meio a um mundo moderno onde há um declínio da possibilidade do sujeito reconstruir a sua identidade. A massa e a homogeneidade e a busca do particular na universalidade dos grandes centros são temas recorrentes entre os autores. E é a sensibilidade de encontrar na multidão a alma, a unidade, que faz com que o método dialético de um e a poesia de outro se complementem num estudo sobre a interioridade da cidade moderna, onde o olhar de desconforto se mistura ao olhar de beleza com os retratos da mesma cidade grande.

O filósofo brasileiro Konder (1999, p. 96) acrescenta ao debate que a perspectiva crítica de Baudelaire, no plano político, é a dos conspiradores boêmios, os rebelados dos meios burgueses:

Ele poderia dizer, como Flaubert: de toda a política, a única coisa que eu entendo é a revolta. Suas ideias assumem o caráter de uma ‘metafísica do provocador’. Por um lado, isso dificultava muito sua incorporação a qualquer movimento popular organizado (sabe-se que Baudelaire apoiou a sublevações de 1848, mas considerou-a uma ‘loucura do povo’); por outro lado, sua aguda rebeldia não lhe permitia adaptar-se plenamente as regras do jogo instituídas pelas classes dominantes. [...] Baudelaire, na avaliação de Benjamin, era um flâneur, um homem que passeava sozinho pela cidade, observando-a como um espetáculo (KONDER, 1999, p. 96-97).

De acordo com Walter Benjamin, pensadores como Baudelaire e outros que chamaremos ao debate (a exemplo de Constantin Guys, Allan Poe, Henri Bergson, Proust, entre outros) compreendiam, através de sua obra, o impacto que a “modernidade” provocou na mudança da “experiência”.

Para Edgar Allan Poe, o *flâneur* é, sobretudo, alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade, procurando, por esse motivo, a multidão. Não muito longe disso é que se deve procurar a razão pela qual ele se esconde nela, numa visão benjaminiana (BENJAMIN, 1985). O desejo de evasão do mundo e de si mesmo se intercalava com o olhar de descoberta para com uma riqueza que os homens não costumam perceber, que pode ser encontrada na cidade grande, na multidão. É preciso indicar ainda que Baudelaire amava a solidão, mas ele a queria no meio da massa. Esse caráter ambíguo da vida moderna parece ser dominado com toda a clareza por Baudelaire em seu estilo de vida. O caráter do *flâneur* compartilha a situação da mercadoria, com o seu “descolamento” do mundo das coisas, das pessoas, abandonado à própria “sorte”. Konder (1999, p. 97) adianta que “o flâneur é um desenraizado, que pode ir a todos os lugares, mas não está ‘em casa’ nem em sua própria cidade, já que para ele ela é apenas um ‘mostruário’”, manifestado contra a divisão do trabalho.

E no texto sobre a modernidade, Baudelaire enfatiza que:

Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda parte do fato de estar incógnito (BAUDELAIRE, 1996, p. 20).

Em relação à experiência modificada pela modernidade, a obra de Bergson (1999) aparece como fundamental para pensar a memória como agente possível na criação de subjetividades, orientada pela biologia. Benjamin (1989, p. 105) aponta que a estrutura da memória é decisiva para a estrutura filosófica da experiência. Assim, discorre sobre a discussão da memória através da ideia bergsoniana, na qual o sujeito atua desde determinados elementos da memória para o inconsciente. Vivemos dentro do ponto de vista racional, não por vínculo estético, mas os vínculos com a realidade problematizam mais a relação sujeito e objeto. Bergson nos aponta que há possibilidade do vínculo com o objeto pela via da memória, ao contrário de Proust, que não acredita nesse controle do sujeito, tendo que se valer do acaso. Benjamin pontua a mudança na estrutura da experiência do leitor, através do contato com a poesia lírica, que se desvela na dispersão. Confronta as diversas concepções de memória em Bergson e Proust. Enquanto que Bergson utiliza-se da busca de experiências do leitor, pensando o sujeito a partir de determinados elementos da memória para o inconsciente (memória voluntária, pura), para Proust (memória involuntária), tudo se encontra mais vinculado ao acaso, cada vez mais subjugada a uma expressão estética, a uma simulação.

Baudelaire, entendido desde uma leitura benjaminiana, sugere que a substituição da forma narrativa pela informação e da informação pela sensação reflete-se como crescente “definhamento” da experiência. Benjamin ainda indica a relação entre a experiência e a vivência (começando a mencionar uma definição de “choque” em relação à vida nas grandes cidades na modernidade). Constatada a ausência de significado, vive-se na modernidade a ausência da perfeição, entregando-se à fragmentação, sem coerência física. A noção de choque e o abortamento de uma sensibilidade em favor da não assimilação das rápidas mudanças acontecidas nas grandes cidades é uma ideia trazida por Benjamin, e se enlaça perfeitamente com a discussão simmeliana de “intensificação da vida nervosa” que força o indivíduo a agir mais com o entendimento do que com a sensibilidade, uma frieza desenvolvida com o excesso de racionalidade que, quando observadas de forma distanciada provoca certa repulsa moral [...], apontada pelo professor Maurício Aguiar, sem sua tese de doutoramento (AGUIAR, 2012, p. 52).

É com esse público que Baudelaire faz sucesso, somos marcados por sucessivos choques (na modernidade) e desenvolvemos uma proteção. Assim, não conseguimos assimilar totalmente esses choques. O poeta francês escreve como se estivesse vinculado a esses choques e em suas obras e modo de vida, expõe como nossa atitude, muitas vezes vista como *blasé*, na verdade, expressa um tipo de proteção “para-raios” para com essas mudanças abruptas. Dessa forma, ele assimila o fragmentado e o expõe, sendo o real motivo de sua poesia se tornar emblemática para pensar a modernidade. É uma arte que nos faz pensar a ausência de nexos da modernidade.

Desenvolve uma explicação que aproxima Paul Valéry, poeta francês, e Freud, para concluir, como uma das ideias nevrálgicas do capítulo que:

O fato de o choque ser assim amortecido e aparado pelo consciente emprestaria ao evento que o provoca o caráter de experiência vivida em sentido restrito. E, incorporando imediatamente este evento ao acervo das lembranças conscientes, o tornaria estéril para a experiência poética (BENJAMIN, 1989, p. 110).

A experiência do choque é uma das que se tornaram determinantes para a estrutura de Baudelaire (BENJAMIN, 1989, p. 112). Utilizando-se de uma rejeição moral com a modernidade, encarna um indivíduo chocado com a indiferença da cidade. A multidão, para ele, é o espaço da liberdade do *blasé*, e, por ser defeituosa, torna-se um espaço perfeitamente humano. Assemelha-se à ideia de Simmel, que expõe uma personalidade que não encontra significado no que trata das questões da modernidade, assim como o encontro da dialética de Benjamin com a contraditoriedade e tensões enxergadas por Baudelaire. Onde Baudelaire realiza poeticamente, o alemão constrói através do método.

Utilizam-se das particularidades urbanas para dissertar sobre as grandes cidades e os seus espaços particulares (lugares de encontro, que existem, mesmo na Paris de XIX), bem como da sociedade moderna e da humanidade. Encontrar o particular dentro do universal é uma das tarefas dos autores estudados. A temática da multidão que, para Benjamin, “se impôs com maior autoridade aos literatos do século XIX - começava a se articular como público em amplas camadas sociais, onde a leitura havia se tornado hábito” (BENJAMIN, 1989, p. 114). Essa multidão de fim de século representa uma postura crítica à desumanização, aos processos políticos vividos, à intensificação de busca de liberdade.

Karl Marx, como grande crítico da economia política, desvenda o processo violentador que a multidão injeta, a coisificação do homem. O homem acaba inserido dentro de algo que ele não controla, servindo apenas de instrumento. “Multidão”, como um conceito pré-marxista, é uma espécie de tradução da modernidade a partir da percepção do trabalho, das relações entre sujeito, tempo e espaço. Baudelaire vai seguindo um rastro moral contra a modernidade repreendendo essa desumanização. Aqui também há lugar para a defesa do anti-trabalho, como forma de reorientar a percepção das coisas. Destaca a incompletude do homem moderno, sempre buscando algo que não consegue atingir, enquanto que também orienta as percepções que impedem a experiência. São duas manifestações da mesma ideia central: a constatação de que não se pode controlar o sentido da vida moderna. A experiência trata da formulação do desejo, algo que demanda tempo, e se relaciona com a ideia de que você estrutura suas ações para determinado fim. Na modernidade, não somos orientados a partir do desejo e sim na busca pelo prazer que, geralmente, não se evidencia.

## **BAUDELAIRE, A ARTE E AS CONTRADIÇÕES DA MODERNIDADE**

A destruição permanente e a renovação são marcas da sociedade moderna, que, para o poeta francês, acabam com suas verdades. Benjamin afina-se com essa contrariedade, para ele, o mundo moderno é esfacelado. Para desnudar essas contradições, Baudelaire introduz a cidade como tema, fazendo-a, junto com seus habitantes, um assunto central na poesia. Também a imprevisibilidade ficou evidente na vida das cidades. Não se trata de afirmar que a modernidade instalou um novo tempo, mas ela salientou determinadas características. A evidente ideia de inacabado toma conta do mundo e da arte. A obra de arte seria também algo não concluído, na modernidade, uma manifestação igualmente adotada por Auguste Rodin,<sup>3</sup> evidenciada na ideia de “imperfeitabilidade”. O esboço e os *croquis* são, nesse sentido, os perfeitos tradutores dessa nova maneira de representação da vida moderna.

De acordo com a leitura de Benjamin (1985, p. 92), Baudelaire “moldou a sua imagem artística segundo a imagem do herói”, em que, desde o início, eles se equivaleriam. Demonstra em um poema em seu livro *As flores do mal* que o artista, o *flanêur*, era uma figura frágil em sua essência, uma fragilidade acentuada pela busca do rompimento com a existência burguesa. Acentua que o artista “antes de ser vencido, solta um grito de terror”; desse modo, vislumbra que fazer da necessidade uma virtude consiste em uma atitude heroica.

Complementa a ideia afirmando que:

[...] é impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa população doentia, que engole a poeira das fábricas, que inala partículas de algodão, que deixa penetrar seus tecidos pelo alvaiade, pelo mercúrio e por todos os venenos utilizados para produzir obras-primas [...] Essa população se mata esperando as maravilhas a que o mundo lhe parece dar direito; sente correr sangue purpúreo em suas veias e lança um longo olhar, carregado de tristeza, para a luz do sol e para as sombras dos grandes parques (BAUDELAIRE *apud* BENJAMIN, 1985, p. 98).

O homem moderno é o herói descrito por Baudelaire, submetido às contradições da modernidade. “O herói é o verdadeiro sujeito da *modernité*”, ressalta o francês. Assemelha-se ao heroísmo brechtiano,<sup>4</sup> em que os personagens “aprenderam na vida, com muito sofrimento, as verdades que lhes convinham”. Conforme descrevia Brecht, seus personagens, os heróis, não nasciam destinados ao heroísmo e não tinham a pureza dos heróis das antigas tragédias, “assimilavam as rudes lições que lhe dão os que o espancam” (KONDER, 1999, p. 75). Konder ainda acrescenta que

<sup>3</sup> Rodin teve sua primeira obra recusada pelo prestigiado *Salon de Paris*, justamente por esta característica marcante. *O Homem de Nariz Quebrado*, de 1864, foi considerado pelo júri como um projeto inacabado, um esboço, e que assim não poderia ser exposto. *O beijo* e *O pensador* são provavelmente suas obras mais conhecidas. Rodin pretendia quebrar com a rigidez da concepção do sujeito como forma de interação com a arte, tendo em vista contribuir para a plena noção de seu caráter vivo neste processo, tentando produzir no espectador uma outra visão de sujeito e de objeto, desenvolvendo uma espécie de liberdade para o sujeito se relacionar com a obra de arte (SIMMEL, 2002). Encontra-se sepultado no Museu Rodin, na mesma França que o negou.

<sup>4</sup> Faz referência a Bertolt Brecht, importante intelectual e dramaturgo alemão, que posteriormente se tornou marxista.



o romantismo “heroizou o melancólico”, “[...] e Benjamin – *semelhante a Baudelaire*<sup>5</sup> – era, sem dúvida, “profundamente marcado pelo romantismo” (*Ibid.*, p. 117).<sup>6</sup>

Baudelaire sempre escreveu poemas marcados pelo sadismo e pela melancolia. Por conta de seu estilo de vida boêmio e com a intenção de sanar problemas econômicos, começou a escrever críticas na imprensa nacional. Era recorrente em sua obra o tema da consciência do artista, uma característica que chama a atenção de Walter Benjamin, que sobre o tema destaca que

A produção poética de Baudelaire está associada a uma missão. Ele entreviu espaços vazios nos quais inseriu sua poesia. Sua obra não só se permite caracterizar como histórica, da mesma forma que qualquer outra, mas também pretendia ser e se entendia como tal (BENJAMIN, 1989, p. 110).

Entre as obras do artista francês, as primeiras publicações relevantes foram críticas de arte, no caderno chamado *Los Salones* (1845-1846), no qual discorria criticamente sobre as pinturas e os desenhos de artistas contemporâneos franceses. Seu primeiro êxito literário chegou em 1848 quando apareceram as traduções que fizera do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, atividade que continuou realizando até 1857, ano de publicação de *As Flores do Mal*. Sua poesia é bastante clássica em relação ao verso (versos alexandrinos), dentro desse verso, se aproxima de um prosaísmo da fala, um diferencial dessa poesia. *As flores do mal* é o único poema em versos que ele publica em vida. Muito pensado estruturalmente, retido dois meses após a sua publicação. Em sua melancolia, o amor é sempre difícil, carnal. Esse elemento da dor vai incomodar, e, escrito de maneira crua, fica proibido até o período entreguerras, até metade do século XX. O processo de condenação do livro só foi retirado depois das décadas de 20 e 30. Paul Valéry escreve *A situação de Baudelaire* (1924), uma publicação importantíssima sobre Charles Baudelaire, o colocando como grande poeta francês.

O “poeta maldito”, um marginal em termos de sociedade, utiliza o termo *spleen* (melancolia), como uma maneira de dar conta dessa melancolia em seu estranhamento, justificando, pois, a escolha de utilizar uma expressão estrangeira para um contexto específico da Paris do século XIX. Torna-se importante não só para Paris, mas também para o desenvolvimento de uma poesia moderna, por tratar de uma consciência que aflora e que é interpretada via estética. Não mencionava em seus escritos uma definição específica das cidades ou centros urbanos – como fazia Victor Hugo – mas era um tema intrínseco para tratar da assimilação de mundo pelo sujeito por meio da arte. Esse *spleen* descreve uma espécie de estado onde se amortecem os choques, expondo a vivência do homem moderno (BENJAMIN, 1989, p. 136-137).

O simbolista Gustave Kahn (*apud* BENJAMIN, 1985, p. 93) afirma que o “trabalho poético em Baudelaire parecia um esforço físico”. A partir do que vemos na obra “*O pintor da vida moderna*”, podemos fazer uma comparação metafórica com o esgrimista – onde não há uma lógica

<sup>5</sup> Grifo nosso.

<sup>6</sup> É importante ressaltar que, a melancolia de Benjamin, retratada na obra de Konder (1999, p. 118), faz referência ao sofrimento, às dolorosas experiências pessoais. Mas a aceitação da sua própria melancolia acontecia em mão dupla à crítica a uma “melancolia de esquerda”, de Erich Käster (autor alemão) e outros. Ver Benjamin (1987), nas referências.

pré-concebida, uma harmonia – utilizando-se da relação do pintor com a própria pintura. Toma o exemplo de Constantin Guys para descrever esse labor poético:

[...] como ele está ali, debruçado sobre a mesa, visando a folha de papel com a mesma exatidão com que, durante o dia, encara as coisas ao seu redor; como ele esgrime com seu lápis, com sua pena, com o seu pincel; como deixa água respingar do seu copo na direção do teto e como experimente a pena em sua camisa; como se põe a trabalhar e com ímpeto, parecendo temer que as imagens lhe fujam. Assim ele é um lutador, ainda que solitário, aparando seus próprios golpes. (BAUDELAIRE, *apud* Benjamin, 1985, p. 93).

Baudelaire também apresenta uma noção de indivíduo, uma certa aspiração em relação à modernidade, à busca por unidade, um indivíduo nunca realizado, submetido à “não assimilação” do mundo. Ainda na obra “O Pintor da vida moderna” (1996), Baudelaire descreve na relação do pintor-pintura, um vínculo da arte com o artista que consegue representar e apreender a realidade. Através de seu estrito vínculo com a obra, perde na mesma dimensão o vínculo com as coisas e com os outros. A experiência do sujeito e a construção de laços afetivos é uma forma racional de construir sua própria noção de história, de identidade. O pintor da modernidade teoriza a visão sobre o objeto da arte, sua técnica e esfera de produção. A busca do novo e da reinvenção seria uma das funções da arte. Esse pintor tratado por Baudelaire em texto de mesmo nome é Constantin Guys, o homem do mundo, ou, para Edgar Allan Poe, o homem das multidões. Eram pinturas cheias de imaginação, que tratavam da transitoriedade e vivacidade, conforme acontecia a vida na modernidade. Entre esses artistas solitários que mereciam destaque, para Baudelaire estava Eugène Delacroix, um amigo que muito admirava citado em seu livro *Les Fleurs du Mal*, a quem afirmava que para além da intelectualidade, não poderia criar uma família, devido a algumas semelhanças entre seus estilos de vida (BAUDELAIRE, 1857).

O desenvolvimento das forças de trabalho e a subalternização das pessoas são temas tratados por Delacroix e Baudelaire, na pintura e na poesia. Baudelaire inaugura a modernidade poética. Anunciou temas que seriam posteriormente desenvolvidos, como os paraísos artificiais, as viagens, as poesias surrealistas, entre outros. Era também um grande amante das artes plásticas, e o seu conhecimento e a sua reflexão sobre a pintura são importantes para o desenvolvimento do olhar sobre as cidades e sobre o mundo que ele explicita em *Les Fleurs du Mal*.

Dentro de outra proposta, se assemelha a outros artistas e pensadores, a exemplo de Charles Chaplin, que utilizava a arte para criticar o estilo de vida fragmentado, apartado da realidade. Baudelaire, esse artista dicotômico, que se refugiava do mundo e que ao mesmo tempo se infiltrava na “multidão” como forma de aliviar seu descontentamento, foi um dos primeiros a utilizar-se da melancolia (na modernidade) para isso, um mal-estar de fim de século que tomou conta da Europa como uma vertente poética, uma melancolia empática, de olhar crítico, quase cínico, irônico e carregado de pessimismo.

## CONCLUSÕES: CRÍTICA DE MUNDO VIA MELANCOLIA

A intenção de Baudelaire, utilizando-se da lírica, consistia em retirar o véu das relações sociais, colaborando para que se desenvolvesse uma percepção crítica e racionalizante de mundo, mesmo sem pretender alterá-las. O seu pessimismo melancólico é um sentimento típico de quem vive afloradamente um processo de desumanização e o tédio, trazidos por uma época de grandes transformações em vários aspectos da vida cotidiana com o advento das indústrias. Benjamin nos adverte que essa poesia lírica do escritor francês estaria fundamentada em uma experiência, para a qual o choque se tornou quase uma norma, presumindo-se um alto grau de conscientização social.

A indiferença enxergada pelo *flâneur*, descrito por Baudelaire nas relações humanas que permeiam as grandes cidades, faz com que o homem se perca nessa nova realidade, apartado-se de seus bens materiais e de sua dignidade. Assim, a propensão à marginalidade e à boemia são características do homem moderno, e, por conseguinte, do próprio Baudelaire. De maneira ímpar, desvela as relações sociais modernas por meio da arte, de uma poesia refinada e ousada. Essa ousadia na forma literária misturada a uma lucidez social é característica da Europa à época, mas é também sentida no Brasil. Machado de Assis foi o primeiro poeta brasileiro a utilizar o mesmo estilo de Baudelaire para escrever, o verso alexandrino em larga escala. Roberto Schwarz, um grande leitor de Benjamin, destaca essa aproximação do poeta francês com o romancista brasileiro em seu livro *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (2000), destacando o tom de racionalidade trazido pelos autores e as visões do cotidiano marcadas pela contraditoriedade da vida moderna.

Para Machado de Assis, o contexto seria a cidade do Rio de Janeiro, que marcada pelo atraso de desenvolvimento brasileiro e latino-americano, vive os impactos decorrentes das novas tecnologias e as transformações sociais que acarretam. A indiferença, sentida por Machado de Assis – assim como por Baudelaire –, era substituída pela melancolia, diante da incapacidade de transformar o comportamento humano, era, pois, tida como uma virtude, uma espécie de compaixão e de empatia, nos escritos machadianos, conforme nos indica Aguiar (2012).

Machado de Assis utilizava frequentemente o tema da melancolia em seus escritos, como merecidamente destaca Scliar (2003) ao referir-se a uma passagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que merece destaque – “Melancolia, que parece, contudo, inevitável, pois é parte do cotidiano: depois do ‘alvor do dia’, vem ‘a melancolia da tarde’” (*Ibid.*, p. 146). Outros autores também se destacam no cenário nacional tendo a melancolia como causa poética, a exemplo de Lima Barreto, Álvares de Azevedo, Olavo Bilac, e assim por diante, descritos por Scliar. Concordando com Schwarz (2000), entendemos que tais autores se valem da lucidez social, burlando a distância histórica para relatar como a dominação de classes se instaura na sociedade moderna, e, se fazem singulares por utilizarem-se da estética para distanciarem-se da normalidade com que geralmente se enxerga as relações sociais no mundo moderno.

Benjamin compartilhava da melancolia que tomava Baudelaire, e deixa por fim um importante legado, valendo-se do partilhar de experiências que se perdem e se esfacelam no capitalismo em meio à competição. Pactuamos com os dois últimos referidos autores quando estes nos indicam que o homem moderno acostumado à solidão, ao isolamento, não deve continuar alheio ao mundo ao seu redor, à mercê da dissolução do seu passado em meio ao esfacelamento do mundo moderno, de coisificação.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. M. **Retratos de Machado de Assis: sabedoria, genialidade e melancolia na crítica literária *fin de siècle***. 2012. Tese. (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto de Estudos Sociais e Políticos/UERJ. Disponível em: [http://www.bdttd.uerj.br/tde\\_arquivos/53/TDE-2013-03-01T100934Z-2937/Publico/tesemauricio.pdf](http://www.bdttd.uerj.br/tde_arquivos/53/TDE-2013-03-01T100934Z-2937/Publico/tesemauricio.pdf). Acesso em: outubro de 2018.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. O pintor da vida moderna. Teixeira Coelho (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUDELAIRE, C. Les Fleurs du Mal. 1857. **As flores do mal**. Apresentação de Marcelo Jacques; tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, W. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: BENJAMIN, W.; Flavio R. K. (org.). **Walter Benjamin**. Col. Grandes Cientistas Sociais, p. 44 – 122. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BENJAMIN, W. Melancolia de esquerda. A propósito do novo livro de poemas de Erich Kästner. In: BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**. v. I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Sérgio Paulo Rouanet (trad.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. Sobre alguns temas de Baudelaire. In: BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

FRIEDRICH, H. Baudelaire. O poeta na modernidade. In: FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

KONDER, L. **O marxismo da melancolia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SCHUWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SCLIAR, M. **Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil.** 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMMEL, G. Rodin (precedido de uma nota de sobre Meunier). *In:* SIMMEL, G. **Sobre La Aventura: Ensayos filosóficos.** Barcelona: Península, 2002.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2005.